

## **A temática do Racismo no site GaúchaZH durante o mês da Consciência Negra<sup>1</sup>**

Amanda Iegli Tech  
Prof. Dr. Deivison Campos  
Universidade Luterana do Brasil - ULBRA

### **Resumo**

O presente trabalho tem como objetivo analisar as matérias publicadas no site GaúchaZH durante o mês da Consciência Negra. A partir das discussões sobre racismo e branquitude tensionadas pelos movimentos sociais, o trabalho busca entender de que maneira essas discussões aparecem dentro das 15 matérias publicadas. Pensando sobre o silenciamento de debates sobre racismo em um país onde se justifica que "aqui ninguém é branco" (SOVIK, 2009) na hora de se reconhecer a marginalização de povos não-brancos, analisar a maneira como o jornalismo aborda estas questões é fundamental, já que mais do que uma prática individual, o racismo também pode ser entendido como um conjunto de "estruturas de poder" (SCHUCMAN, 2014). Os dados iniciais da pesquisa que está em andamento apontam para invisibilidade da discussão de racismo por um olhar mediado pela branquitude.

### **Palavras-chave**

Branquitude; Representação; Linha editorial; Zero Hora.

### **Corpo do texto**

As discussões sobre racismo e racialização na mídia tem se tornado mais comum nos últimos anos. Ao encontro disso, pesquisadores têm apontado para a questão da branquitude na mídia, descrevendo branquitude como uma "prática social e o exercício de uma função que reforça e reproduz instituições, é um lugar de fala para o qual uma certa aparência é condição suficiente" (SOVIK, 2009).

O jornal Zero Hora é a maior referência em jornalismo impresso no Rio Grande do Sul. Por pertencer ao Grupo Rede Brasil Sul de Comunicações (RBS) afiliada da Rede Globo, que é a maior emissora do país, é um dos jornais de maior circulação no

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

---

estado (BERGER, 1996). O jornal foi criado a partir do Última Hora, cuja circulação cessou com o golpe militar de 1964.

Hoje em dia, além da edição impressa, o jornal tem uma página no facebook na qual divulga as principais matérias do dia (além de outras redes sociais) e um site que reúne todas as matérias da edição impressa, mais matérias especiais. Em 2017, o site do Jornal Zero Hora se uniu com o site da Rádio Gaúcha, também do Grupo RBS.

Durante o mês de Novembro, mês da Consciência Negra, o site do jornal Zero Hora publicou 15 matérias no total com a tag racismo. Desde notícias sobre racismo sofrido por famosos até uma coluna de opinião falando sobre a importância de reconhecer os privilégios de ser branco, as matérias mostram diferentes nuances sobre o racismo brasileiro sem, diretamente, discuti-lo.

Pensando sobre as discussões de racismo e sobre como um jornal de grande porte repercute, é interessante pensar na maneira como jornalistas abordam uma discussão tão importante e complexa. Segundo Stuart Hall, são os media [jornalistas] que "apresentam a primeira, e muitas vezes a única, fonte de informação acerca de muitos acontecimentos e questões importantes" (HALL 1993). Entretanto, dentro da própria estrutura do jornalismo, há um sistema de hierarquia de credibilidade, que faz com que jornalistas, sem querer, reproduzam uma estrutura de poder existente na sociedade.

Tal reprodução de uma estrutura dominante no jornalismo dialoga com o que Liv Sovik chama de "articulação silenciosa da hegemonia branca" (SOVIK, 2009). Essa articulação se dá através de discursos que silenciam a questão do negro no Brasil partindo da ideia de que "aqui ninguém é branco" (2009), "somos todos humanos". Sendo o Rio Grande do Sul um estado que, através de discursos midiáticos, se coloca como diferenciado em relação ao restante do país por sua tradição conservadora e imigração europeia, a ideia de "somos todos humanos", ou seja, que nega que existe uma diferença entre negros e brancos no país é contraditória.

O objetivo deste trabalho é, portanto, analisar de que maneira o jornal Zero Hora discute o tema de racismo, fazendo um aprofundamento sobre qual é o valor notícia que

---

norteia a publicação da matéria, quem são as fontes primárias e secundárias, quem são os autores que assinam as matérias e, por fim, como racismo é definido.

Para isso, serão utilizados conceitos que vão direcionar os passos da pesquisa. O primeiro deles, que já foi citado, é o de branquitude, a partir das pesquisas de Sovik, que discute a branquitude na mídia brasileira e de Schucman, que aponta para a importância de retirar-se o olhar de racismo como um ato isolado e particular e se pensar em racismo como "estruturas de poder com particularidades de cada sociedade em questão" (SCHUCMAN, 2014. pg. 57).

Ao encontro disso, o estudo feito por Stuart Hall sobre a cobertura da mídia no caso dos mugging também será utilizado. Hall faz uma importante discussão sobre jornalismo e sobre o quanto as estruturas organizacionais da mídia acabam contribuindo para a propagação de discursos hegemônicos.

## **BRANQUITUDE**

Os estudos críticos da branquitude surgiram nos Estados Unidos a partir dos anos 90. Até então, as discussões sobre raça e racismo não abordavam a questão da não-racialização do branco, que sempre foi visto como norma. É a partir deste momento que os "olhares acadêmicos das ciências sociais e humanas se deslocaram dos 'outros' racializados para o centro sobre o qual foi construída a noção de raça, ou seja, para os brancos" (SCHUCMAN, 2014, apud CARDOSO, 2008).

Para Liv Sovik, a branquitude é um "atributo de quem ocupa um lugar social no alto da pirâmide, é uma prática social e o exercício de uma função que reforça e reproduz instituições, é um lugar de fala para o qual uma certa aparência é condição suficiente" (2009). Num país como o Brasil, por exemplo, no qual de 30 mil homicídios por ano, 77% são negros, discursos que ignoraram informações que escancaram o racismo e marginalização de negros no país e relativizam esta situação por parte de pessoas brancas, são discursos que contribuem para a branquitude.

Apesar dos estudos críticos da branquitude datarem da década de 90 nos Estados Unidos, há diversos estudos anteriores com discussões que já se direcionavam para esse tema. Em 1935, W. E. B. Du Bois fez uma análise da classe trabalhadora branca

---

norte-americana do século XIX em comparação com trabalhadores negros. Em outro estudo intitulado "The souls of white folk" é visto como um dos primeiros escritos que dá estofa para uma teorização sobre o que conhecemos hoje como branquitude (SCHUCMAN, 2014).

Franz Fanon (1980) também é reconhecido por ter trazido a questão da identidade racial branca antes do surgimento dos estudos críticos sobre a branquitude. O autor discute não só raça, mas a relação entre colonizador e colonizados como "categorias importante na/para de entender a constituição de subjetividades de sujeitos brancos e negros em relação" (SCHUCMAN, 2014, p. 51). Para Fanon, o racismo não é apenas uma manifestação individual, mas cultural e estrutural.

No Brasil, é possível encontrar elementos do conceito da branquitude em Guerreiro Ramos muito antes dos estudos críticos da branquitude terem tomado forma no início dos anos 90. Em 1957, Guerreiro Ramos escreve:

Até aqui se tem falado numa antropologia e numa sociologia do negro. Hoje, condições objetivas da sociedade brasileira colocam o problema do "branco" e aqueles estudos "antropológicos" e "sociológicos" rapidamente perdem a atualidade [...]. No plano ideológico, é dominante ainda a brancura como critério de estética social (Ramos, 1957, p. 216).

Além disso, Ramos descreve como "patologia social do branco brasileiro" o fato de que brancos consideram vergonhosas sua ancestralidade e culturas negras, enquanto enaltecem a cultura europeia/branca, da qual sequer fazem inteiramente parte. A partir disso, pode-se dizer que este enaltecimento (da relação com a cultura europeia) e apagamento da cultura negra se dá não só individualmente, mas também através de discursos midiáticos. Tal conclusão vai ao encontro do que Sovik (2009) pontua sobre branquitude e meios de comunicação "A branquitude não é genética, mas uma questão de imagem: mais um motivo pelo qual é um problema que se coloca na cultura dos meios de comunicação"(SOVIK, 2009, p. 36).

Pensando sobre a identidade racial branca, Edith Piza (2002) e Ruth Frankenberg (1999) destacam que a principal característica seria a invisibilidade desta como raça, pois os indivíduos sequer se percebem como racializados. Piza argumenta que:

---

Não se trata, portanto, da invisibilidade da cor, mas da intensa visibilidade da cor e de outros fenotípicos aliados a estereótipos sociais e morais para uns, e a neutralidade racial para outros. As consequências dessa visibilidade para negros são bem conhecidas, mas a neutralidade do branco é dada como “natural”, já que ele é o modelo paradigmático de aparência e de condição humana. (Piza, 2003, o. 72).

Sobre privilégios, Hasenbalg (1979) aponta que brancos se beneficiam com as opressões raciais. Não só os brancos capitalistas, como os não capitalistas, fato que vai de encontro tanto a teoria marxista sobre questão racial quanto nas teorias coloniais.

Brancos tem vantagens tanto com a opressão racial quanto com o racismo, pois são os mecanismos racistas que fazem com que a população branca tenha vantagem no preenchimento das posições da estrutura de classes que comportam privilégios materiais e simbólicos mais desejados. (Schucman, 2014, p. 61 apud Hasenbalg, 1979, p. 1118).

No Brasil, reconhecido internacionalmente como um país de mestiçagem, há um imaginário de que "aqui ninguém é branco" (Sovik, 2009). A autora discorre sobre como a mestiçagem esta presente nos discursos midiáticos brasileiros, como na canção "Garota de Ipanema", ou na própria Bossa Nova em si:

O debate em questão, em que a bossa nova aparece como ponto nevrálgico, a discussão da mistura como contraponto à dominação cultural externa e afirma a mestiçagem como característica nacional. (SOVIK, 2009, p. 94).

Apesar do discurso da mestiçagem, no geral, os meios de comunicação e produtos culturais veiculam a cultura hegemônica. "O resultado, em geral, é de aparência branca, exatamente porque a branquitude continua sendo uma espécie de projeto para a Nação, uma auto-imagem positiva" (SOVIK, 2002, p. 7). Ela continua:

No universo da mídia brasileira, a branquitude é um pólo de identificação, mesmo quando a palavra “branco” não é pronunciada. A branquitude brasileira pode ser concebida, então, como uma função ou papel social, como um valor ou ideal na mídia e como um problema ou território a ser explorado, na teoria. (SOVIK, 2002, p. 9).

Discutindo sobre a presença massiva de brancos na televisão, Sovik (2002) cita a novela Porto dos Milagres (2001) como exemplo de narrativas que embranquecem

personagens para o audiovisual. O tema da discussão trazida pela autora em 2002 ainda é pauta em 2018. Assim que *O Segundo Sol* (2018) foi lançada, intelectuais do movimento negro questionaram as escolhas de personagens brancos como protagonistas em uma tele novela que se passa em Salvador, capital da Bahia (quarto estado com maior percentual de população negra no país – 80,3%).

Entretanto, os questionamentos sobre a presença de negros e negras na mídia são frequentemente justificados pela ideia, já mencionada, de mestiçagem. Esse discurso tão presente no dia a dia brasileiro serve, no final das contas, para silenciar debates sobre racismo. Afinal de contas, ainda segundo Sovik, este discurso "não significa que os setores dominantes se imaginam como não brancos", assim como reconhecer isto "não desbanca os brancos da classe dominante". Ao encontro disso, Munanga (2018) comenta que no Brasil, "o que se tem é o uso político da mestiçagem, numa proposta clara de dividir oprimidos e continuar a dominar". O antropólogo usa o Rio Grande do Sul como exemplo:

Se defendia que o Brasil não era racista, porque somos um povo mestiço. Não tem mais negro, não tem índio, não tem branco... Mas vai lá no Sul do Brasil e diz para os gaúchos que eles são mestiços. Eles vão dizer que são brancos! Então não dá para dizer que todo mundo é mestiço... (MUNANGA, 2018, entrevista).

O estado do Rio Grande do Sul dissemina discursos de diferenciação em relação ao resto do país pela tradição fechada e conservadora que se opõe ao restante do país e pela influência de imigrantes europeus na tradição e cotidiano dos gaúchos. Tais discursos se perpetuam através de discursos orais e midiáticos.

Os discursos sobre identidade gaúcha no Rio Grande do Sul e propagado para o restante do país contribuem para uma representação limitada do gaúcho. O tradicionalismo reproduz um tipo específico de gaúcho que é homem rural, que vive na região da campanha e tem hábitos específicos de consumo como chimarrão, churrasco e música tradicionalista. Sobre a imagem do gaúcho, Rubens George Oliven destaca que:

Trata-se de uma construção de identidade que exclui mais que inclui, deixando fora a metade do território sul-rio-grandense e grande parte de seus grupos sociais. Apesar do enfraquecimento da região sul do estado, da notável projeção econômica e política dos descendentes dos colonos de origem alemã e

---

italiana que desenvolveram a região norte, da urbanização e da industrialização, o tipo representativo do Rio Grande do Sul continua a ser a figura do gaúcho da Campanha como teria existido no passado. Se a construção dessa identidade tende a exaltar a figura do gaúcho em detrimento dos descendentes dos colonos alemães e italianos, ela o faz de modo mais excludente ainda em relação ao negro e ao índio que comparecem no nível das 22 representações de uma forma extremamente pálida (Oliven, 1992, p. 100).

É possível pensar que a exclusão de negros e a criação de um mito sobre o gaúcho que ignora a importância de negros e negras na história do Rio Grande do Sul está de acordo com o que Guerreiro Ramos definiu como "patologia do branco brasileiro", pois ao mesmo tempo que apaga a importância dos negros, enaltece a imigração europeia e sua influência na cultura gaúcha.

Apesar de as mídias no Rio Grande do Sul serem um dos canais por onde se reforça esta imagem, a presença de discussões sobre raça e racismo nestes espaços ainda é pequena. Quando se evidenciam as problemáticas em torno da exclusão de negros (e também indígenas) na história do estado ou marginalização desses grupos minoritários a miscigenação, de novo, aparece como justificativa para não se debater, pois o racismo estaria justamente em discutir a ideia de raça.

Falar sobre a presença da branquitude na mídia pode não ser tão simples, considerando que não há um consenso específico sobre o conceito. Porém, no final das contas, todas as definições consideram a relação entre o conceito e o contexto, reconhecendo que este surge através de processos históricos (SOVIK, 2002). Por isso, olhar para a mídia e seus discursos torna-se fundamental para entender como a branquitude opera nas construções sociais da contemporaneidade.

## **REGIONALISMO NO SITE GAÚCHAZH**

O site GaúchaZH é resultado da junção entre os sites do impresso Zero Hora e da rádio Gaúcha que ocorreu em 2017. Além de reunir o conteúdo transmitido na rádio e impresso no jornal, site também conta com uma série de publicações específicas para internet disponíveis tanto para acesso via facebook como acesso exclusivo para assinantes. Apesar disso, grande parte do que é apurado e produzido ocorre dentro de

---

uma mesma redação - que é a redação do jornal Zero Hora - seguindo os mesmos critérios que as publicações seguem desde sua origem. Portanto, conhecer o jornal Zero Hora bem como o Grupo RBS de modo geral torna-se necessário para compreender o jornalismo produzido.

Historicamente, a Zero Hora surgiu da compra, feita pela família Sirotsky, do espólio do jornal Última Hora, fechado após o Golpe Militar. O jornal teve sua primeira edição publicada no dia 4 de maio de 1964. Em seu primeiro editorial, publicou que "nasce hoje um novo jornal. Autenticamente gaúcho. Democrático. Sem compromissos políticos. Nasce com um único objetivo: servir ao povo, defender seus direitos e reivindicações, dentro do respeito às leis e às autoridades." Surge, portanto, com um viés regional, considerando como público o povo gaúcho.

Ainda na década de 60, a família Sirotsky, adquire a TV Gaúcha que logo afilia-se à Rede Globo. Essa projeção no mercado televisivo possibilita que "em 1970, [a família] adquire o controle total do jornal, que já se denomina Zero Hora, formando o complexo de comunicação Rede Brasil Sul (RBS), expandindo suas rádios, emissoras de tevê e jornais pelo interior e em Santa Catarina." (BERGER, 1996).

Sobre a RBS TV, Santos (1999) escreve que se constitui dentro deste modelo no qual o foco é uma produção massiva de entretenimento e informação. No final das contas, se constituiu uma "hegemonia comunicacional da RBS no Rio Grande do Sul (e mais tarde em Santa Catarina)" (FELIPPI, 2007) e até mesmo uma "indústria cultural gaúcha".

Essa liderança no mercado de rádio e televisão auxiliou no crescimento do jornal, principalmente com a crise da Empresa Caldas Junior e, conseqüentemente do Correio do Povo, a partir do final dos anos 80, tornando o jornal Zero Hora o impresso de referência:

No caso de Zero Hora, no processo de anulação da concorrência, transformando-se em "o jornal gaúcho" cujo poder está mais na condição de poder-dizer do que no próprio dizer. Logo, na enunciação, mais que no enunciado, tendo conquistado o status de "a fonte da informação", mediando, assim, o acesso dos leitores gaúchos à realidade (BERGER, 1996).



---

Institucionalmente, o Grupo RBS escreve que “existe para conectar os gaúchos e para contribuir com uma vida melhor”. Em seu manifesto de 60 anos de existência o grupo ainda escreve que:

ao informar, entreter e mostrar ao público o que está acontecendo em sua comunidade, a RBS foi mais do que agente de mudança. Contribuiu para que as pessoas mudassem o mundo. A vida mudou e continua mudando. Estamos sempre em evolução. A RBS vai estar atenta, disposta a ver, ouvir e refletir essa mudança. Sempre junto das pessoas. Compartilhando experiências. Aprendendo com elas. Transformando-se. Essa é a nossa essência. O Grupo RBS existe para conectar os gaúchos e para contribuir com uma vida melhor. Nunca nos sentimos tão interligados. Temos muito assunto para pensar juntos. Temos muita coisa para viver juntos. (GRUPO RBS, 2018).

A maneira como o Grupo RBS se apresenta, portanto, evidencia o que Tetu (2002), falando sobre o jornal Zero Hora, pontua como uma estratégia de distinção dos demais veículos de comunicação do país: uma tentativa de ser representante “à imagem apenas de seus leitores” (p.439), uma marca de territorialização. No próprio manifesto isso aparece de maneira clara quando a RBS escreve que “cada gaúcho que, em algum momento, parou para ver, ouvir ou ler o que a RBS produzia não estava vendo, ouvindo e lendo a RBS: estava vendo, ouvindo e lendo sobre si mesmo” (GRUPO RBS, 2018).

A instituição não só se apropria da ideia de gaúcho para ser representante dos que nascem no RS como usa do localismo para definir o que será publicado ou não. Entende-se por localismo acontecimentos que ocorrem dentro do Rio Grande do Sul, bem como o que acontece fora mas tem alguma relação com o estado, ou que envolve pessoas nascidas (gaúchas).

Felippi (2007) escreveu sobre localismo no jornal Zero Hora e destacou a fala da editora-chefe Marta Gleich, que segue neste posto em 2018, falando sobre a importância do que Tetu (2002) chamou de “territorialização forçada”: “Se o jornal não entregar um produto que leitor lê e se enxerga, e enxerga o seu vizinho, enxerga suas questões culturais refletidas no jornal ele não vai comprar, ele vai ler outro jornal, não vai servir” (Marta Gleich, entrevista).

---

Portanto, focando no jornalismo produzido pelo Grupo, é interessante analisarmos que mais do que uma territorialização e localismo, é evidente que, visto a credibilidade e força que o jornalismo tem no Rio Grande do Sul, este discurso de representação dos próprios gaúchos contribui para que consumidores entendam que (1) se tem gaúcho no fato, será noticiado, (2) os fatos noticiados sempre serão na perspectiva “nós” - gaúchos - e “eles” e (3) se não consta Rio Grande do Sul ou gaúchos na notícia, entende-se, intrinsecamente, que a notícia não é sobre o que se vive no estado.

O Guia de Ética e Autorregulamentação Jornalística do Grupo RBS corrobora com todas as definições institucionais da empresa. É possível identificar elementos que compõe uma cultura profissional com princípios éticos, valores, símbolos, mitos e normas compartilhadas, seguindo a ideia de “comunidade interpretativa transnacional (Traquina, 2004), ou seja, uma maneira de olhar para os acontecimentos a partir desta cultura da redação.

Sendo a redação da Zero Hora, é interessante analisar como esta cultura deixa traços muito específicos no jornal e site, que se efetiva em boa medida a partir dos valores-notícia. Estes valores-notícia definirão o que é mais importante ser noticiado e como. Notícias que tem mais valor tendem a receber uma cobertura mais aprofundada, exigindo mais esforço da redação enquanto instituição que dá suporte para o repórter e do repórter em si.

Dentro deste cenário de era da informação na qual estamos inseridos, os jornalistas têm uma pressão cada vez maior de produzir uma grande quantidade de matérias que gerem engajamento positivo. Entretanto, a maneira como acontecimentos são noticiados ainda é muito importante para o entendimento geral dos leitores sobre determinado assunto.

Stuart Hall (1993) escreve que "aos media cabe a tarefa de tornar o compreensível o que chamaríamos de realidade problemática (pag. 228). Ou seja, o jornalista enquanto profissional deve ter cuidado ao noticiar acontecimentos pois são eles que "apresentam a primeira, e muitas vezes a única, fonte de informação acerca de

---

muitos acontecimentos e questões importantes" (pag. 228). Esta pressa na produção pode fazer com que seja produzido

um exagerado acesso sistematicamente estruturado aos media por parte dos que detêm posições institucionalizadas privilegiadas. Deste modo, os media tendem, fiel e imparcialmente, a reproduzir simbolicamente a estrutura de poder existente na ordem institucional da sociedade (HALL, 1993, pag. 228).

Na era da informação e das fake news o jornalista pode não ser o primeiro a dar a informação e/ou nem o único. Porém, com o grande número de informação que os usuários encontrem sobre o mesmo assunto na internet, cabe ao jornalista, muitas vezes, o papel de curador das informações.

Neste contexto, os debates em torno de racismo podem estar presentes nas redes sociais com as mais diversas pessoas falando sobre. Entretanto, isto não isenta o jornalismo e os jornalistas de seguirem os mesmos critérios para falar sobre racismo em um jornal, como seguiriam para falar sobre o tradicionalismo gaúcho, por exemplo.

De modo geral, as discussões sobre raça não aparecem com tanta frequência na grande mídia. O jornalista Ali Kamel (2006), um dos maiores jornalistas do país, escreveu sobre raças defendendo que separar uma nação entre brancos e negros contribui para o crescimento do racismo. Suas ideias vão de acordo com o que Sovik chamou de "articulação silenciosa da hegemonia branca" (2009).

O livro de Kamel (2006) se justifica dentro do que Munanga (2018) e Sovik (2009) falaram sobre o uso da mestiçagem como justificativa para não debater a questão do racismo, seguindo o mito da democracia racial. Porém, o Rio Grande do Sul é um estado que nem reconhece este mito em sua história, pois há, de fato, um apagamento de negros e negras da história gaúcha. Logo, não há o mito de que gaúchos brancos e negros convivem harmoniosamente no estado pois sequer se considera a existência mais massiva de negros.

Frequentemente, enfatiza-se a formação luso-brasileira do Rio Grande do Sul e o valor da imigração europeia. Simultaneamente omite-se a presença do negro. A

---

elaboração do imaginário gaúcho sobre si mesmo exclui o negro dos estudos históricos e da própria sociedade. (CARVALHO, 2005)

A partir disso, a presente pesquisa investiga como o principal o site que reúne notícias do maior grupo de comunicação do Rio Grande do Sul (RBS) noticia as matérias cujo tema é o racismo.

## **A PRODUÇÃO DE NOTÍCIA SOBRE A QUESTÃO RACIAL**

O GaúchaZH tem em seu sistema de arquivos de notícias a *tag* racismo. A partir desta *tag* é possível encontrar todas as notícias que foram publicadas no jornal impresso ou no site que abordem esta questão.

Em 2017, foram publicadas 62 matérias com a tag de racismo. Destas, pelo menos 11 foram matérias de agências de notícias, geralmente sobre futebol. O racialismo começa por quem produz: 25 jornalistas brancos, entre homens e mulheres, publicaram matérias sobre racismo. Entre os jornalistas, três mulheres brancas escreveram colunas de opinião.

Apenas dois materiais foram produzidos por jornalistas negros. O primeiro foi uma reportagem especial – sobre o lançamento do filme Caso do Homem Errado. A reportagem fala de Júlio César de Melo Pinto, um operário negro que foi executado pela polícia por "engano" na década de 80. O segundo material produzido foi uma coluna de opinião escrita por Manoel Soares. Nenhum deles tendo sido publicado no mês de novembro ou em alusão ao mês da consciência negra. Não há nenhum material assinado por jornalista negra.

De modo geral, a maior parte das notícias (11) que recebeu a *tag* tratava da questão de racismo no futebol. Estas matérias quase sempre foram escritas em forma de notas, produzidas por agências de notícia, sem assinatura e sem muito aprofundamento sobre a discussão.

## **RACISMO E MÊS DA CONSCIÊNCIA NEGRA**

Durante o mês de novembro, 15 matérias foram publicadas no site. A maioria delas sobre o caso de racismo envolvendo a filha dos atores Bruno Gagliasso e Giovanna Ewbank que sofreu ataques racistas de uma socialite que publicou um vídeo

---

em seu perfil pessoal ofendendo a criança. Há colunas de opinião escrita por jornalistas brancas e uma entrevistas.

Três matérias trazem atores não-gaúchos e negros falando sobre racismo e, as três, são contraditórias e já apontam para uma branquitude na maneira de abordar essa discussão. A primeira, uma entrevista, evidencia o bom humor e maneira leve como o ator Serjão Loroza lida com o racismo vivido pelo seu personagem - um escravizado - em uma novela da Rede Globo. O título “Serjão Loroza da tapa de luva em racismo: sou um crioulo de sorte” fala por si só. O ator é colocado numa posição superior àqueles que em vez de dar valor ao que já conquistaram, seguem lutando contra o racismo de uma forma diferente de Loroza, que, na entrevista, diz que ainda há muito caminho para negros e negras na televisão, mas que fica feliz de ter conquistado o que conquistou.

Loroza teve sua foto publicada no site com a legenda de “a melhor resposta para o preconceito” (REQUIÃO, 2017), mostrando que o bom humor é a melhor maneira de se lidar com o racismo. Entretanto, outra matéria envolvendo outro homem negro, também ator, que havia sido assaltado, confundido com o bandido e espancado. As duas matérias foram publicadas na mesma semana, mas percebe-se a distância entre um caso de ator negro espancado após ser confundido com assaltante e outro caso de ator negro que faz piada das situações racistas que vive. Diferentemente da matéria de Loroza, que concedeu entrevista e teve assinatura de jornalista, a matéria que noticiou o caso de racismo no qual o ator foi espancado não recebeu nem assinatura nem aprofundamento.

Da mesma maneira, isto ocorreu no caso de racismo noticiado no site sobre os ataques racistas sofrido pela atriz Taís Araújo após publicar uma foto em sua rede social. A matéria foi replicado de um outro site de notícias e fala sobre a atriz procurar a Polícia Civil após os ataques.

O distanciamento do jornal para noticiar casos de racismo é muito visível - até quando o racismo acontece no estado. Durante o mês de novembro, alunos de Santa Maria ocuparam o prédio da reitoria da Universidade Federal de Santa Maria após casos de racismo - alunos negros tiveram seus nomes pichados na parede ao lado de frases como “fora macacos” e desenhos de suásticas. Entretanto, as matérias publicadas sobre o caso abordaram a dificuldade dos servidores de entrar no prédio e as incertezas sobre como ficariam os salários destes servidores. O reitor e vice-reitor foram entrevistados.

As análises prévias indicam que há um distanciamento na maneira como o site aborda a questão de racismo. Primeiro, pelas escolhas editoriais de, na maioria das vezes, apenas replicar notícias que envolvam racismo sem muito aprofundamento. Segundo, porque mesmo quando os casos ocorrem no estado, como no caso de Santa Maria, o foco dado foi o quanto os protesto contra racismo estavam atrapalhando. Terceiro, o tratamento do racismo no site contribui para uma ideia muito superficial do tema, já que é tratado como “polêmica” em muitas das chamadas do site. Quarto, a maioria dos casos que de racismo noticiados aconteceram contra famosos. Isso cria um distanciamento ainda maior pois, além de parecer que só há racismo fora do Rio Grande do Sul, aponta que só há racismo contra famosos, como se negros e negras não-famosos não vivessem com isso no dia a dia.

Outro dado prévio que chama atenção é o fato de a única coluna de opinião escrita por autor negro em que se debate racismo, não foi colocada na *tag*. O texto que na versão impressa recebeu o título de “Garantir a democracia é coisa de preto”, entretanto, no site, teve o título modificado “É necessário o enfrentamento do racismo, diz professor”. A falta de políticas para *taggear* os textos faz com que, neste caso, haja um silenciamento do debate.

## Referências

**Alunos que protestam contra racismo na UFSM impedem acesso de servidores a reitoria.** 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2017/11/alunos-que-protestam-contra-racismo-na-ufsm-impedem-acesso-de-servidores-a-reitoria-cjai4lfw20fei01npul2ilixg.html>. Acesso em 10 de dezembro de 2017.

**Após decisão judicial, estudantes desocupam prédio da reitoria da UFSM.** 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2017/11/apos-decisao-judicial-estudantes-desocupam-predio-da-reitoria-da-ufsm-cjamy2ei9006w01p9wy1albpd.html>. Acesso em 10 de dezembro de 2017.

**Após sofrer ataques racistas em redes sociais, Taís Araújo será ouvida pela Polícia Civil.** 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/gente/noticia/2017/11/apos-sofrer-ataques-raci>

---

[stas-em-rede-social-tais-araujo-sera-ouvida-pela-policia-civil-cjabkog5205w501np9yne5s93.html](https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2017/11/ator-negro-e-assaltado-tido-como-ladrao-e-espancado-no-centro-de-sao-paulo-cja5zdep5001j01pqoxl0yvrz.html)>. Acesso em 10 de dezembro de 2017.

**Ator negro é assaltado e tido como ladrão no centro de São Paulo.** 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2017/11/ator-negro-e-assaltado-tido-como-ladrao-e-espancado-no-centro-de-sao-paulo-cja5zdep5001j01pqoxl0yvrz.html>>. Acesso em 10 de dezembro de 2017.

BARCELLOS, Daisy Macedo de. **Família e ascensão social de negros em Porto Alegre.** Rio de Janeiro, 1996. Tese de doutorado. Museu Nacional. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996. [BSCSH/UFRGS]

BERGER, C. **Campos de confronto: jornalismo e movimentos sociais - as relações entre o Movimento Sem Terra e a Zero Hora.** 1996. Tese (Doutorado) -Escola de Comunicação da USP, São Paulo, 1996.

DANTAS, Júlia. **O privilégio e a cor da pele.** 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/columnistas/julia-dantas/noticia/2017/11/o-privilegio-e-a-cor-da-pele-cja2xxjyo066a01qgrm6situt.html>>. Acesso em 10 de dezembro de 2017.

**Estudantes e UFSM negociam desocupação do prédio da reitoria após cinco dias de manifestação.** 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2017/11/estudantes-e-ufsm-negociam-desocupacao-do-predio-da-reitoria-apos-cinco-dias-de-manifestacao-cjajrr64d001n01n393nqb8mz.html>>. Acesso em 10 de dezembro de 2017.

FELIPPI, Ângela. **O processo produtivo do jornal Zero Hora: a estratégia do “localismo”.** 2007. Revista FAMECOS, v. 1, n. 34, 2007. Disponível em <[http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/56297\\_6480.PDF](http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/56297_6480.PDF)>.

**Fotos com famosos e prisão ligada a prostituição: quem é a socialite que chamou a filha de Gagliasso e Gio Ewbank de macaca.** 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/gente/noticia/2017/11/fotos-com-famosos-e-prisao-ligada-a-prostituicao-quem-e-a-socialite-que-chamou-filha-de-gagliasso-e-gio-ewbank-de-macaca-cjak3zgpo005y01mwwhlp6bk8.html>>. Acesso em 10 de dezembro de 2017.

HALL, Stuart et al. (1993). **A produção social das notícias: o mugging nos media.** In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”.** Lisboa: Vega.

**Marieta Severo: "Dói saber que meu neto leva tapa de segurança só por ser negro".** 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/tv/noticia/2017/11/marieta-severo-doi-saber-que-e-meu-neto-leva-tapa-de-seguranca-so-por-ser-negro-cjafm4lzx0bay01mvdum44ge.html>>. Acesso em 10 de dezembro de 2017.

---

**Mulher que chamou filha de Giovanna Ewbank e Bruno Gagliasso de macaca admite que fez comentários racistas.** 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/gente/noticia/2017/11/mulher-que-chamou-filha-de-giovanna-ewbank-e-bruno-gagliasso-de-macaca-admite-que-fez-comentarios-racistas-cjal-situu00bm01qa2qx92nx2.html>>. Acesso em 10 de dezembro de 2017.

OLIVEN, Ruben George. **A invisibilidade social e simbólica do negro no Rio Grande do Sul.** In: LEITE, I. B. (Org.). Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996. p. 13-32.

**Polícia identifica autora de crime racial contra filha de Bruno Gagliasso, diz jornal.** 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/gente/noticia/2017/11/policia-identifica-autora-de-crime-racial-contra-filha-de-bruno-gagliasso-diz-jornal-cjainyv71000401mwkwsaap6i.html>>. Acesso em 10 de dezembro de 2017.

POTTER, Luciano. **Filha de Giovanna Ewbank e Bruno Gagliasso é vítima de ataque racista por socialite.** 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/luciano-potter/noticia/2017/11/conexao-gauchazh-filha-de-giovanna-ewbank-e-bruno-gagliasso-e-vitima-de-ataque-racista-por-socialite-cjak5smoj007k01mwj8zia20r.html>>. Acesso em 10 de dezembro de 2017.

PRADELLA, Michele Vaz. **Muitas polêmicas, pouca sutileza.** 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/tv/noticia/2017/11/michele-vaz-pradella-muitas-polemicas-pouca-sutileza-cja2g2w9r01la01tbummw90vi.html>>. Acesso em 10 de dezembro de 2017.

**"Racismo é crime e já estamos tomando providências", diz Giovanna Ewbank.** 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/gente/noticia/2017/11/racismo-e-crime-e-ja-estamos-tomando-providencias-diz-giovanna-ewbank-cjah9v36e0fae01npbeymhxwx.html>>. Acesso em 10 de dezembro de 2017.

RAMOS, Alberto. Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira.** Rio de Janeiro: Editorial Andes Ltda, 1957.

**Socialite ofende de forma racista filha de Giovanna Ewbank e Bruno Gagliasso: "Aquele macaca".** 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/gente/noticia/2017/11/socialite-ofende-de-forma-racista-filha-de-giovanna-ewbank-e-bruno-gagliasso-aquele-macaca-cjah1cgod04bf01mxnssuc01e.html>>. Acesso em 10 de dezembro de 2017.



---

REQUIÃO, Flávia. **Serjão Loroza da tapa de luva em racismo "sou um crioulo de sorte"**. 2017. Acesso em 10 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/flavia-requiao/noticia/2017/11/serjao-loroza-da-tapa-de-luva-em-racismo-sou-um-crioulo-de-sorte-cj9sxt2ca00an01o88189j2fo.html>

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo**. - São Paulo: Annablume, 2014.

Sovik, Liv. **A Branquitude e o Estudo da Mídia Brasileira: algumas anotações a partir de Guerreiro Ramos**. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Salvador, Bahia, 2002.

SOVIK, L. (2009) **Aqui ninguém é branco**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora.

TÉTU, Jean-François. **A informação local: espaço público local e suas mediações**. In Porto, Sérgio Dayrell (org.). O jornal – Da forma ao sentido. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2002, p 431-448.